

Senado vai contratar 770 funcionários sem concurso

Brasília — Na próxima sexta-feira, o Senado votará as Resoluções 149 e 150, cuja aprovação poderá efetivar sem concurso 770 funcionários, passageiros de mais um “trem da alegria”. O presidente da casa, José Fragelli, justifica: “Isso aqui é um grande condomínio familiar”. O ex-senador Jarbas Passarinho, que em novembro disputa a volta ao Senado — onde em 1982 deixou nomeados os filhos Eleonora, Angélica, Carlos e Jarbinhas — confirma Fragelli: “O Senado é uma grande casa paternalista”.

Ambos têm razão, pois 98 dos 207 funcionários de confiança dos gabinetes são parentes, contraparentes ou agregados de senadores. “E, se sempre foi assim, para que mudar?”, pergunta o senador Jorge Kalume (PDS-SC), com dois filhos no Senado, Cláudio, de 24 anos, estudante de medicina, e Dário, de 22 anos, estudante de biologia, que poderão ser efetivados caso sejam aprovados os dois projetos integrantes do mais recente **trem da alegria** da casa.

— Eles serão efetivados porque são brasileiros. Têm direito à vida. Por que outros brasileiros podem assumir postos sem concurso e meus filhos não? Eles são brasileiros acima de tudo e eu sequer procuro saber quanto ganham — defende-se Kalume.

Sem precisar trabalhar

Os filhos do senador Jorge Kalume ganham Cz\$ 11 mil, como a maioria dos assessores parlamentares que ingressaram no Senado apenas como funcionários de confiança, por prazo determinado, podendo agora ser efetivados. A remuneração pode chegar a Cz\$ 21 mil, se houver a prorrogação das sessões plenárias ou sessões extraordinárias — praxe que multiplica jetons e salários — mais isso não significa que os funcionários precisem aparecer para trabalhar.

No gabinete do senador José Ubano (PFL-PE), por exemplo, está colocado Guilherme Jurema Falcão, sobrinho do ex-senador Aderbal Jurema, mas sem obrigação de ir a Brasília. “Ele trabalha no Recife”, informa Lígia Maria Barreto Jurema, chefe do gabinete e também nora do ex-senador, falecido em maio. No gabinete do senador Alberto Silva (PMDB-PI) é mais fácil encontrar suas duas filhas: Maria Lúcia, 25 anos, estudante de

relações internacionais, e Suzana, 30 anos, socióloga. “Meu pai me colocou aqui porque eu sempre quis participar da vida profissional dele. E como estudo relações internacionais, daqui é um pulo para eu conseguir ir trabalhar na Comissão de Relações Exteriores do Senado”, alega Maria Lúcia.

Não há senador que justifique a colocação de seus filhos ou parentes no gabinete sem invocar a capacidade intelectual deles. O senador Martins Filho (PMDB-RN) explica assim a nomeação do seu filho Edson Luís Dias Martins: “Eu quis nomear. Foi só porque eu quis. O presidente Sarney não nomeou a filha e o genro para o Palácio do Planalto? Por que eu não posso fazer o mesmo? Eu não estou fazendo corrupção, não estou desrespeitando a lei, nomeei porque quis nomear.”

Ser parente de senador não é o único caminho para ingressar na grande família que constitui o quadro de funcionários do Senado. Petrônio Portella Nunes Filho, 30 anos, herdeiro do ex-ministro da Justiça e ex-senador Petrônio Portella, que morreu no início do governo Figueiredo, entrou para o Senado por concurso. Hoje, ele é assessor parlamentar e causa surpresa a muitos senadores. Afinal, pela legendaria memória de seu pai na casa, Petrônio Filho teria emprego garantido ali, sem precisar submeter-se a concurso.

Afinal, sem concurso, entraram no Senado Marcos Vieira e Luciano Vieira, filhos do ex-senador Helivaldo Vieira; Tito Mondim, filho do ex-senador Guido Mondim; Fernando Silva Lima, sobrinho do ex-senador Vivaldo Lima; Sara Ramos de Figueiredo, filha do ex-senador Argemiro Figueiredo; Roberto Velloso, filho do ex-senador Gabriel Velloso; Luís Fernando Freire, filho do ex-senador Vitorino Freire; e muitos outros.

É raro um senador não ter parentes colocados no gabinete e, por isso, a grande incógnita naquela casa do parlamento é saber por que Gastão Muller (PMDB-MT) não faz o mesmo. O senador mato-grossense não só evita a contratação de parentes, como até deixa vagos cargos que devia preencher. Em seu gabinete, Pedro Aquino, filho de Heitor de Aquino (assessor da campanha de Maluf) andou pedindo emprego inutilmente, conseguindo colocação provisória no gabinete do senador Roberto Campos, onde agora também está para ser efetivado.